



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse dos ministros de Estado da Previdência Social,
Cidades e Ciência e Tecnologia**

Palácio do Planalto, 21 de julho de 2005

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República e
ministro da Defesa,

Meu querido companheiro Sérgio Machado Rezende, ministro de Estado
da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro Nelson Machado, ministro de Estado da
Previdência,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, ministro de Estado das
Cidades,

Companheiro Romero Jucá,

Meu companheiro Eduardo Campos,

Meu companheiro Olívio Dutra,

Ministros de Estado,

Parlamentares aqui presentes,

Senhores e senhoras funcionários do Ministério da Ciência e Tecnologia,
da Previdência e das Cidades,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, um aviso para a imprensa: a companheira Dilma Rousseff,
junto com o ministro Nelson Machado, irão fazer uma explicação para a
imprensa sobre a questão da medida que muda a Receita e a questão dos
cargos. São duas medidas importantes. Algumas medidas que vocês já
notaram, na fala do nosso chefe de cerimônia.

O nosso querido ministro Eduardo Campos está deixando o Ministério da



Ciência e Tecnologia e ele, certamente, sabe que não vai para uma trincheira mais confortável do que o Ministério da Ciência e Tecnologia. Ele sabe que vai para o centro dos debates políticos do nosso país. Ele vai exercer o seu mandato de deputado federal.

Eu penso que o governo ganha em dois momentos. Primeiro, porque o Sérgio Rezende, para quem não conhece, quem não é da área, o Sérgio Rezende já é quase ministro meu desde 1989. Não foi antes porque eu não ganhei as eleições de 1989, de 1994 e de 1998. Mas, mesmo sendo um companheiro do PSB, o Sérgio Rezende contribuía, de um lado, com Arraes, contribuía, de outro lado, com candidatos do PSB, mas sempre sobrava um tempinho para o Sérgio ir a São Paulo para ajudar a construir meu programa de Ciência e Tecnologia.

Portanto, eu acho que isso é uma troca de cargos que não vai absolutamente mexer naquilo que é o grande programa de Ciência e Tecnologia que estamos fazendo no Brasil. E por três ministros do PSB: primeiro, o nosso companheiro Roberto Amaral, depois, o nosso companheiro Eduardo Campos e, agora, o nosso companheiro Sérgio Rezende.

Sai o nosso companheiro Jucá que, certamente, está afiando as botas para ser candidato a alguma coisa no estado de Roraima. Não me perguntem o que é, que eu não sei. E eu quero, de pronto, dizer que o companheiro Jucá assumiu o compromisso de nos ajudar a recuperar a Previdência Social, para que a gente possa garantir que os beneficiários, os contribuintes possam receber seus benefícios e que não haja nada que possa prejudicar a Previdência.

Nós temos um déficit grande, o Jucá trabalhou esses 100 dias estruturando isso. E, certamente, o nosso companheiro Nelson Machado, que todos vocês conhecem, foi ministro interino do Planejamento, trabalhou com o Guido Mantega, vai dar seqüência para que a gente possa melhor estruturar a Previdência Social.



E sai o meu companheiro Olívio Dutra. Esse é um companheiro “*hors concours*”, porque é o companheiro de primeira hora, antes do PT, é companheiro lá dos anos 70, quando eu virei presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e me disseram: “Lula, você tem que ir a Porto Alegre conhecer um tal de Olívio Dutra, que é presidente do Sindicato dos Bancários.” E, desde aquele tempo, nós travamos uma relação, eu diria, muito mais do que de irmãos, muito mais do que de dois companheiros, porque é uma relação muito forte entre nós. A única coisa que nós dois não fazemos é entrelaçar os nossos bigodes porque o dele é maior do que o meu e ele levaria vantagem, então...

Embora o companheiro Olívio Dutra seja teimoso e diga que não é candidato a governador no Rio Grande do Sul, por tudo o que eu ouço das bases do Rio Grande do Sul, quer queira, quer não queira, tenha prévia ou não tenha prévia, tendo disputa, eu acho que ele está predestinado a ser o candidato a governador do PT no Rio Grande do Sul. Espero que seja do PT e de outros aliados para poder disputar as eleições da forma mais democrática.

E entra o companheiro Márcio Fortes que, nos últimos três anos exerceu o papel de secretário-executivo no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Também nós tomamos algumas outras medidas. A Secretaria de Direitos Humanos fica vinculada agora à Secretaria-Geral da República. A Secretaria de Comunicação do governo fica vinculada à Secretaria-Geral da Presidência da República. Fica constituído o Núcleo de Assuntos Estratégicos, NAE, que já existe hoje, que era ligado à Secom, fica diretamente ligado, como órgão de assessoria, ao Presidente da República, dirigido pelo companheiro Luís Gushiken. Fica constituída a Secretaria de Imprensa e Porta-Voz, que absorve as competências do porta-voz da Presidência da República. Fica constituída a Secretaria de Relações Institucionais, dirigida pelo ministro Jaques Wagner, que absorve as competências das antigas Secretarias de Coordenação Política e Assuntos Institucionais do Conselho de



Desenvolvimento Social e Econômico e Social. Fica criada, por Medida Provisória, a Secretaria da Receita Federal do Brasil, que absorve as atribuições da Receita Federal e da Secretaria da Receita da Previdência Social. E, isso, a Dilma vai conversar com vocês. Também acabei de assinar um decreto que torna privativo dos servidores públicos de carreira cerca de 70% dos cargos de livre provimento do governo federal.

Bem, meus amigos, minhas amigas, nunca um presidente pode dizer que a reforma ministerial terminou porque pode ser que amanhã um ministro peça para sair e não tem como o Presidente da República segurá-lo. Mas eu queria dizer para vocês que a coisa mais fácil na relação humana é convidar alguém para ser ministro, ser secretário, e a pior coisa do mundo é você ter que dizer para um companheiro que você vai precisar substituí-lo.

Como eu utilizo muito o exemplo do futebol, vocês já perceberam que todo jogador que está jogando, quando o técnico tira ele, ele sai resmungando? E o que entra, entra na perspectiva de que vai fazer mais e melhor, às vezes consegue, às vezes não consegue. O que é importante é que o sentimento da troca de um ministro não é o sentimento da troca de um time de futebol, porque ali é uma prática esportiva.

Eu tinha tomado uma decisão, muito tempo atrás, de que eu não iria esperar o próximo ano para fazer mudança nas pessoas que vão ser candidatas a alguma coisa no próximo ano. Os que ficarão comigo, certamente, têm esse compromisso. Obviamente que, na política, sempre acontecem imprevistos dos imprevistos, a gente trata como imprevisibilidade, mas o time que está montado agora é um time para ir até o último dia do meu mandato. Espero que ninguém queira sair e espero que eu não tenha que trocar nenhum companheiro.

Eu quero agradecer, de coração, aos companheiros que saem. Os companheiros que saem dedicaram parte da sua vida, nesses 30 meses, junto comigo, a construir a realização de um sonho de tornar o Brasil mais justo, o



Brasil mais humano e um Brasil mais solidário com o seu povo.

Eu quero dizer aos companheiros que saem que podem ter a certeza absoluta de que a presença do companheiro Severino, hoje – porque também o Severino não é de vir muito ao Palácio, em solenidade, não – é a demonstração de que nós estamos construindo com o Congresso Nacional, com os partidos que dão sustentação à base do governo, uma relação sólida, uma relação que, quando uma proposta do governo for ao Congresso, e os líderes se reunirem para discutir, que isso não fique sendo discutido 3 anos, 4 anos, 12 anos, 15 anos, como muitas vezes aconteceu no país.

Eu estou convencido que o Brasil está atravessando o momento da sua afirmação, enquanto Nação. Este país, muitas vezes desacreditado por gente do próprio Brasil... Eu me lembro quando discutíamos, em momentos difíceis da Constituinte, votações difíceis, as pessoas diziam que o Brasil não suportaria aquilo, e o Brasil suportou.

Agora, estamos vivendo um momento em que o Congresso Nacional está cumprindo com a função constitucional a ele delegada de, através de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, fazer as investigações que entenda que deva fazer. E o que é mais importante é que o fato de o Congresso Nacional estar fazendo o seu trabalho não impede que o governo, através da Polícia Federal, ou o Ministério Público, através dos procuradores, façam o seu trabalho paralelo.

E a minha convicção é que quanto mais trabalharmos nessa área, quanto mais seriedade houver nas apurações, independentemente de quem seja, nós estaremos acreditando que é possível diminuir os desvios de recursos que existem neste país, a malversação do patrimônio público, e fazendo com que, sobretudo daqui para a frente, os homens públicos possam se transformar em pessoas que tenham credibilidade junto à opinião pública, porque nem sempre a história do Brasil permitiu que isso acontecesse.

E esse trabalho vai depender muito da atuação dos ministros daqui para



a frente. Cada ministro tem a sua responsabilidade na relação com o Congresso Nacional. Muitas vezes, nós achamos que a responsabilidade é apenas da pessoa que tem a responsabilidade de fazer essa relação. Cada ministro tem a mesma responsabilidade, na relação com o Congresso, que tem o Jaques Wagner, que vai ser o articular político, substituindo o companheiro Aldo.

Cada um, cada ministro sabe dos deputados que participam das bancadas de Ciência e Tecnologia, da bancada da Justiça, da bancada da Agricultura, da bancada da Comunicação, da bancada do MDA, da bancada do Trabalho, da bancada da Saúde, da bancada do Itamaraty, da bancada do Meio Ambiente, da bancada do Esporte. E, portanto, cada um, agora, vai assumir tanta responsabilidade na relação com o Congresso Nacional quanto o ministro que tem a responsabilidade de fazê-lo, de forma institucional, para que a gente possa fazer as coisas funcionarem com muito mais rapidez e para que o povo brasileiro perceba que mesmo quando há divergência na relação institucional, existirá sempre harmonia entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo.

Eu quero dizer aos companheiros que saem: boa sorte na nova trincheira de batalha que vocês vão enfrentar e, certamente, o trabalho será tanto que alguns sentirão saudades de ter passado pelo Ministério.

E aos que entram, meus companheiros, quero dizer para vocês: o jogo é um jogo muito forte. O jogo é um jogo em que nós precisaremos trabalhar mais do que trabalhamos até agora, para que a gente possa produzir mais, até porque cada um de vocês já tem um pouco mais de experiência.

Eu quero dizer que vocês terão, da minha parte, como os que saíram, todo o apoio do conjunto do governo. Vamos estabelecer a famosa transversalidade, que tanto resultado deu, uma palavra-chave proposta ao governo pela companheira Marina, que funcionou razoavelmente bem. Ou seja, vamos trabalhar em conjunto.



A companheira Dilma continuará, como ministra da Casa Civil, fazendo o trabalho das Câmaras Setoriais, tentando articular para que os problemas, quando cheguem a mim, já cheguem menos sofríveis, ou seja, já seja temperado. E eu tenho certeza que esses momentos difíceis por que passa o Brasil, eu digo sempre que eu lamento as coisas muito mais pelo povo brasileiro do que por nós, políticos.

Portanto, eu quero desejar a vocês toda a sorte do mundo, que tenham igual ou mais sorte do que os que saíram. Quero dizer ao companheiro Severino que a Câmara joga um papel extremamente importante na coesão dos deputados e na votação das coisas importantes que têm que ser votadas no Congresso Nacional, e quero dizer a todos vocês que estão aqui, de todas as áreas que, da nossa parte, a resposta a tudo isso será trabalho, trabalho e mais trabalho.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.